

Eixo Temático ET-11-011 - Outros

FEIRA PRÉ-AGROECOLÓGICA: IMPORTÂNCIA E AUXÍLIO NA RENDA FAMILIAR DE COMERCIANTES AGRICULTORES SITUADOS NO MUNICÍPIO DE ALAGOA GRANDE-PB

Marcos André Cardoso da Silva¹, Ana Maria Ferreira de Andrade²,
Rafaela Ravena Pereira Padilha do Rosário³, Renata de Souza Lima⁴,
Regina Agostinho Rodrigues⁵, Michele Kely Moraes Santos⁶

¹Graduandos em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba, Campus III – Guarabira – Email: marcosuepb@gmail.com; ²Email: ana.mferreira12@gmail.com; ³Email: ravenapadilha@hotmail.com; ⁴Email: renatalima.2@hotmail.com; ⁵Email: reginarodriguesuepb@gmail.com; ⁶Professora Mestre do Curso de Geografia da UEPB, Email: michele.kmoraes@gmail.com.

RESUMO

Este presente artigo aborda um contexto referente à importância da realização de uma feira livre como uma alternativa a mais para comercialização de alimentos, conduzida por algumas famílias de agricultores residentes no Município de Alagoa Grande, Estado da Paraíba. Produzem alimentos com requisitos agroecológico que são comercializados localmente na feira e são orientados por técnicos de Assistência Técnica em Extensão Rural (ATER), atuante no local em estudo e apoiada pelo Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). O principal objetivo da presente pesquisa é mostrar alguns benefícios gerados pela efetivação desta feira, tanto aos agricultores comerciantes que participam como para a população alagoagrاندense. Nesse sentido, os procedimentos metodológicos utilizados foram de pesquisas bibliográficas, uma abordagem qualitativa e também quantitativa ligada à utilização de questionários para obtenção de informações e dados que complementaram o presente trabalho. No entanto, foi possível observar uma estrutura ainda muito pequena de barracas, uma variação peculiar de alimentos produzidos pelos próprios comerciantes agricultores, sem uso de agrotóxicos e sob a supervisão de técnicos da ATER. Gerando uma renda familiar extra para as famílias que trabalham comercializando seus produtos na feira e ocasiona um complemento à economia local, além de propor uma alternativa a mais para que os habitantes da localidade possam aderir alimentos saudáveis para consumo, produzidos sem o uso de agentes químicos e com um custo acessível, por serem produzidos em pequenas propriedades rurais locais.

Palavras-chave: Feira Livre; Renda Familiar; Comercialização; Alimentos Saudáveis.

INTRODUÇÃO

Nos primórdios da história, o homem se locomovia de um local a outro em busca de alimentos para sua sobrevivência. Assim, com o decorrer do tempo, o indivíduo começou a plantar seu próprio alimento e observar com um olhar mais fixo o meio ambiente. No qual, logo mais, surge à agricultura, esta por sua vez, um atividade ligada ao sistema de produção e que se desenvolveu a partir de descobertas, como a do metal, que vinha adiante ser transformado em ferramentas para manejo da terra. Logo, o indivíduo não necessitava apenas de alimentos oriundos da agricultura para sobreviver e

assim surge a necessidade da troca, quando se tinha algum produto em abundância e buscariam outros objetivos ao qual necessitavam. Onde com esse intuito, pessoas se encontravam em determinado espaço, inicialmente para realizar apenas trocas entre produtos que vinhesse necessitar, passando mais adiante a ir além das trocas, começando a despertar o desejo abusivo de ampliar seus produtos. Assim, surge às feiras, um local destinado à comercialização de produtos e exibidos de forma competitiva.

É notório que o crescimento das feiras livres não venhem sendo empreendido no mundo. Mas vale ressaltar que já as feiras realizadas com produtos orgânicos vêm ganhando cada vez mais espaço, mais que ainda não supera as de produção com agrotóxicos. Deste modo, diversos meios são utilizados no processo produtivo de alguns alimentos que se encontram presentes diariamente na mesa de muitas pessoas, entre eles estão os usos de agrotóxicos e de fertilizantes artificiais, que potencializam essa produção. Porém, Verona; Fachinello; Brugnara e Burg (2011) afirmam que “ao longo das últimas décadas temos colecionado estudos sobre a contaminação dos alimentos produzidos em sistemas convencionais brasileiros pelo uso abusivo de agrotóxicos”, ao qual propicia danos ao meio ambiente, condizente ao solo, água subterrânea, além da saúde humana, graças a um aumento visível no uso desses agentes para supri a demanda de alimentos necessária para a população.

No Brasil, nas últimas décadas mudanças importantes ligadas ao campo do conhecimento agroecológico e orgânico, integrando os diversos saberes tradicionais dos agricultores, assentados da reforma agrária, povos e comunidades tradicionais com o conhecimento científico. Assim, fez com o que se refletisse diversas iniciativas de políticas públicas em setores ligadas ao ensino superior e profissionalizante, levando em conta uma ampliação das técnicas e tecnologias de suporte à transição agroecológica. E que advém ainda muitos desafios a serem superados na busca por uma produção de alimentos que asseguram menos danos ao meio ambiente (PLANAPO, 2013). Assim, no país existem em muitos espaços a comercialização de alimentos produzidos a este nível supracitado que complementam a economia.

Na região Nordeste, Rufino; Casimiro; Damasceno Júnior e Martins (2015) relatam que “a produção de base ecológica tem se caracterizado, marcadamente, como um modo de produção que valoriza as tradições culturais, os conhecimentos dos agricultores, que são passados de geração em geração [...]” concretizando a ideia de que a produção de muitos alimentos passam por mudanças e são orientadas por pessoas que adquiriram determinado conhecimento no manejo da agricultura e repassam para seus familiares. Assim como, a utilização de técnicas com inovações tecnológicas para fins de produção defensiva aos recursos naturais.

A princípio as feiras com requisitos agroecológicos são segundo Gomes; Lima; Soares e Araújo (2010), “a realização de um movimento de pessoas em determinado espaço, destinado à comercialização de produtos oriundos da agricultura familiar [...]”, sendo vista, como uma produção segura e sem agrotóxico. E também uma de muitas formas de se propagar a comercialização de alimentos diversos e preferencialmente que sejam saudáveis, produzidos sem o uso de quaisquer agentes químicos durante o processo produtivo e que atendam a necessidade dos habitantes da localidade sem ocasionar futuros danos a sua saúde. Assim, é possível estabelecer o equilíbrio necessário entre o meio ambiente, a oferta de alimentos e a saúde da população deste

determinado espaço, tornando o modo de produção diferenciado ao sistema tradicional moderno²⁶.

A modelagem de um novo sistema direcionado a obtenção de renda extra por meio de feiras livre com requintes de sustentabilidade que venham a beneficiar famílias de agricultores, vem ganhando cada vez mais espaço na região. Nesse sentido, para se concretizar uma feira agroecológica é preciso seguir alguns procedimentos de registro e seguir um acompanhamento e fiscalização por parte de técnicos agrícola. Mediante este fato, o Município de Alagoa Grande-PB, realiza a efetuação de uma feira pré-agroecológica²⁷, por esta, não constar de um selo que comprove ser orgânica e atenua os procedimentos de registro. Mas já conta com parte do processo que é a disponibilização de profissionais que orientam e fiscalizam o sistema de produção alimentar para que garantam a qualidade destes produtos, até sua comercialização na feira, sob a supervisão do Instituto Penha e Margarida Alves²⁸ (IPEMA).

OBJETIVOS

O presente artigo tem como objetivo analisar a importância da realização de uma feira pré-agroecológica como segunda renda de muitas famílias de agricultores do Município de Alagoa Grande – PB, as quais as famílias participam. Onde sua realização entra como uma proposta para visar um caminho direcionado a sustentabilidade e dar uma maior visibilidade ao espaço rural agrário da localidade para melhor aproveitamento, manejo dos recursos naturais, conservação e geração de renda no Município.

FUNDAMENTAÇÃO

Com o avançar do tempo, conquistas e descobertas realizadas pela sociedade, ocasionou-se melhoramento em alguns aspectos com base no que diz respeito aos processos produtivos e ao desenvolvimento econômico e social, atribuindo um alinhamento diante estes avanços, em busca de equilíbrio adequado entre a natureza e o indivíduo enquanto ser percussor de modificações neste meio natural. Assim a preocupação com o meio ambiente levou a sociedade a seguinte definição: “conjunto de condições, leis, influências e interações de ordem física, química, biológica, social, cultural e urbanística, que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas”, (Art. 3º da Lei Nº 6.938 de 1981).

Para Costa (2002) meio ambiente, ou simplesmente ambiente, é “tudo aquilo que rodeia os seres vivos, tudo o que podemos perceber ao nosso redor; são todas as realidades físicas que nos cercam”. Assim, falar em meio ambiente é conduzir a uma proposta baseada em princípios relevantes, diante de fatores que liguem o contato do

²⁶ Sistema tradicional moderno, termo utilizado que expõe brevemente características do uso de técnicas de produção em épocas passadas permanecendo-as em rigor até o presente momento, com diferencial ligado as melhorias e aos avanços tecnológicos, assim propondo o uso de agentes transformadores e percussores de grandes problemáticas ao meio ambiente e a saúde humana, para obter lucro em grande escala e em pouco tempo (*grifo nosso*).

²⁷ Feira pré-agroecológica, termo utilizado para expor que a feira ainda está em processo de registro e que não consta até o presente momento de todos os elementos necessários para torná-la agroecológica.

²⁸ O Instituto Penha e Margarida (IPEMA) situada no Município de Alagoa Grande/PB é uma instituição de políticas públicas que visa contribuir com o desenvolvimento socioeconômico e ambiental das comunidades do campo, ou seja, uma empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), orientada pelo INCRA.

indivíduo constantemente deste meio natural para seu dia a dia, relacionando-os em prol da necessidade de compactar o equilíbrio necessário para fundamentar o bem estar de toda população. Desta forma, o uso adequado acerca dos recursos naturais, conduz a uma vida harmoniosa entre o ser humano para com a natureza e a agregação de valores estruturais e sociais. Então, partindo dessa perspectiva, surge a realização da agricultura orgânica, ou seja, mecanismo de produção alimentar sustentável, entendida como:

[...] um conjunto de processos de produção agrícola que parte do pressuposto básico de que a fertilidade é função direta da matéria orgânica contida no solo. A ação de micro-organismos presentes nos compostos biodegradáveis existentes ou colocados no solo possibilitam o suprimento de elementos minerais e químicos necessários ao desenvolvimento dos vegetais cultivados. Complementarmente, a existência de uma abundante fauna microbiana diminui os desequilíbrios resultantes da intervenção humana na natureza. Alimentação adequada e ambiente saudável resultam em plantas mais vigorosas e mais resistentes a pragas e doenças (ORMOND et al., 2002, p. 3).

A utilização da agricultura orgânica faz com que atenda todo um conjunto de habitantes de determinado espaço, adequando-o a um fator primordial de controle produtivo alimentar saudável e benéfico ao meio ambiente, sem degradação dos recursos naturais disponíveis para sua produção:

[...] sistemas de produção com base em tecnologias de processos, ou seja, um conjunto de procedimentos que envolvam a planta, o solo e as condições climáticas, produzindo um alimento sadio e com suas características e sabor originais, que atenda às expectativas do consumidor (PENTEADO, 2000, p. 138).

À medida que a população se amplia, a demanda alimentar segue o mesmo ritmo para poder suprir a necessidade dos indivíduos, com isso muitas articulações são propostas na produção de muitos alimentos tais como: o uso constante de agrotóxicos em busca de um alimento de boa aparência e com ampla produção em escala superior a que se produz sem estes produtos químicos. Desse modo, “a busca por alimentos saudáveis, limpos, ausentes de agrotóxicos, tem atraído cada vez mais consumidores para as feiras agroecológicas, tornado comum o termo agroecologia entre os cidadãos” (SILVA, 2010). Nesse sentido, o meio ambiente a cada dia vem sofrendo com as ações humanas que acabam prejudicando vários elementos naturais (o solo, a vegetação, a água, etc.) principalmente com a utilização abusiva de agrotóxicos durante a produção alimentar utilizado por muitos agricultores desenfreadamente devido, sobretudo a deficiente atuação dos órgãos de fiscalização.

Conforme o art. 2º, da Lei nº 7.802/1989 (BRASIL, 1989), os agrotóxicos e afins são “os produtos e os agentes de processos físicos, químicos ou biológicos, destinados ao uso nos setores de produção, no armazenamento e beneficiamento de produtos agrícolas [...]”. A partir deste contexto, os agrotóxicos são construídos por muitos agentes químicos, físicos e biológicos, gerando automaticamente consequências que advêm em sua ação gerada quando em contato com o solo, fazendo com que plantas e espécies de animais sejam modificadas em sua formação natural, posto para combater seres que prejudicam plantações, além de servir como agente de conservação para o

armazenamento de muitos alimentos, ao qual é usado durante o processo produtivo alimentar em busca de prevenir-se contra pragas que atacam as plantações, por sua vez, acarretará automaticamente danos ao meio ambiente.

O modo que se opõem este meio supracitado referente à produção alimentar, pode ser transferido para uma produção de forma sustentável e que atenda ao mesmo tempo todo um aspecto agroecológico, que partirá para uma inicialização de buscas e pesquisas para alternativas sustentáveis que favoreçam a sociedade e ao meio ambiente, colocando-os em constante harmonia, fazendo com que ocorra no ser humano a consciência de se retirar da natureza apenas o essencial.

Partindo deste contexto, a produção agroecológica vem como ferramenta de auxílio sustentável ao meio ambiente, proposta como um “movimento que vem a cada dia crescendo mais no Brasil, depois do reconhecimento por parte da sociedade, de que os alimentos produzidos com agrotóxicos são prejudiciais á saúde [...]” (SILVA, 2010).

Para Souza (2009) essa produção e organização de feiras livres tem um papel primordial que “tornam possível comercializar a produção diretamente aos consumidores, além de ser uma alternativa para melhoria da qualidade de vida de suas famílias, e em contrapartida das famílias que consomem os seus produtos”. Assim, ocorre uma contribuição com trocas de saberes e geração de rendas entre as famílias, propondo um amplo desenvolvimento econômico e ajudando a incentivar o entendimento da importância de consumir alimentos sem o uso de agrotóxicos.

Ao passo que o termo “feira agroecológica” é compreendido por Jalfim (2008), como “a ocupação de mercados locais de forma sustentável [...]”. No qual se faz necessário efetuar um planejamento entre os participantes e organizadores desta mobilização para se adequar as normas requisitadas para poder serem realizadas. Assim:

[...] as feiras agroecológicas surgiram como estratégia de divulgação e massificação dos produtos agroecológicos. Sendo em sua maioria baseadas em princípios de economia solidária, objetivavam gerar renda aos agricultores, mas também permitir o acesso por parte dos consumidores ao alimento baseado nos princípios da segurança alimentar e nutricional (VERONA et al., 2011, p.2).

O sistema produtivo das feiras agroecológicas surge como ferramenta para auxiliar na adequação do espaço através do equilíbrio ambiental, cooperando com avanços na base econômica, social e alimentar de determinada área que a utiliza, atraindo olhares simultâneos acerca dos princípios alimentares. Sobre esse contexto Moretti expõe o seguinte:

A produção e consumo de produtos orgânicos pode ser pensada a partir de aspectos que vão além da produção do capital, como a produção de valores e de atividades produtivas que tecnicamente se apropriam de práticas culturais consideradas ultrapassadas pelo modelo agrícola dominante. Mas elas fazem uso do conhecimento moderno sobre a natureza para criar técnicas produtivas diferenciadas, ou seja, a técnica culturalmente valorizada no processo de produção que visa à sustentabilidade da sociedade e não apenas o rendimento econômico (MORETTI, 2014, p. 119).

Pensando na produção e no desenvolvimento em âmbito sustentável, se faz necessária à prática da agricultura orgânica, analisada de um ponto de vista mais geral como “agricultura alternativa (orgânica, ecológica), ou seja, aquela que tem como objetivo promover a agrobiodiversidade e ciclos biológicos, procurando a sustentabilidade social, ambiental e econômica, no tempo e no espaço” (BUAINAIN, 2006). Assim, o meio natural é conduzido por mecanismos que o respeita e o mantém produtor alimentar para sociedade, sem advir da exploração desenfreada e causadora de danos ambientais.

Nesse olhar, encontramos um possível caminho a ser trilhado pelo viés do desenvolvimento sustentável que seria “proporcionar o atendimento às necessidades das gerações presentes sem, no entanto, comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem às suas próprias necessidades” (CMMAD, 1988). Logo, o termo sustentabilidade real é pensado:

No sentido de contrapor a ideia de sustentabilidade construída no século XX, que tem como gênese a “internalização” do ambiente ao capital. Em sua essência, a sustentabilidade ambiental é virtual, não concretizada, pois não acontece de modo a resolver os problemas concretos advindos do desequilíbrio de aspectos naturais do planeta terra; desequilíbrio este que promove [...] A sustentabilidade real é aquela que se refere às práticas sociais vinculadas às culturas que foram produzidas e sustentadas na relação com elementos da natureza, possibilitando a existência e coexistência unitária entre sociedade e natureza. A natureza é produzida, portanto, ela é cultural, tendo, no sentido conceitual, sua sustentabilidade vinculada à valorização sociocultural em cada período histórico (MORETTI, 2014, p. 71-72).

A exposição do termo sustentabilidade segue o contorno comprometedor de bem estar para gerações futuras e, além disto, é seguidor de propostas às práticas sociais que se vinculam as culturais realizadas por meio da relação homem e natureza, relacionando também:

Metodologia de assessoria; processos de aprendizagem baseados na geração participativa de conhecimentos; planejamento participativo; formação de grupos de interesse; experimentações participativas; acesso a fundos de investimento social e produtivo e intercâmbio entre agricultores (as) (MORETTI, 2014, p. 23).

É fundamental reunir os elementos necessários para a condução de um novo modelo produtor, propiciando uma ligação entre o meio natural e o social, gerando automaticamente aos habitantes do município em tela e de cidades circunvizinhas um equilíbrio fundamental após a implantação destas metodologias exposta anteriormente. Complementando-as, deste modo, em uma visão mais global da importância que se apresenta acerca do meio ambiente para a vida da sociedade e o quanto representa implantar uma feira agroecológica com alimentos puramente orgânicos, sem o uso de agrotóxicos, apenas utilizando nos sistemas produtivos agentes naturais, aderindo, portanto, uma alternativa para um novo estilo de vida aos alagoa-grandenses.

METODOLOGIA

O procedimento metodológico utilizado nesta pesquisa foi de cunho bibliográfico, uma abordagem qualitativa e também quantitativa ligada à utilização de questionários para obtenção de informações e dados que complementassem o presente trabalho.

A obtenção da coleta de dados e o escopo desta pesquisa foram realizados no Município de Alagoa Grande no Estado da Paraíba. Dessa forma, utilizou-se a pesquisa qualitativa, esta por sua vez, muito importante por corresponder a questões muito particulares, trabalhando com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, correspondentes a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001). Onde fora realizado aplicação de 3 (três) questionários estruturados correspondente a todos participantes da feira. Um com base em uma entrevista estruturada para os consumidores (Tabela 1), composta por 7 (sete) questões, 5 (cinco) fechadas e 2 (duas) abertas. Como ilustra a tabela a seguir.

Tabela 1. Questionário aplicado para as pessoas que vão comprar produtos na feira pré-agroecológica, realizada na cidade de Alagoa Grande/PB.

| |
|---|
| 1) Qual seu grau de estudo? |
| 2) Qual sua renda familiar mensal? |
| 3) Porque você compra na feira pré-agroecológica? |
| 4) Com que frequência participa da feira pré-agroecológica? |
| 5) Nota diferenças entre os alimentos comercializados na feira pré-agroecológica e os da feira convencional? |
| 6) Quais os alimentos que você compra na feira pré-agroecológica? |
| 7) Qual a sua opinião sobre a feira agroecológica? Você percebe algum benefício que ela oferece ao Município ou na população? |

O outro questionário ficou designado ao produtor/vendedor, com o que se envolveu apenas 3 (três) questões fechadas (as primeiras três da tabela a seguir) e 7 (sete) abertas. Como se observa abaixo.

Tabela 2. Questionário aplicado para os produtores/vendedores na feira realizada em Alagoa Grande/PB.

| |
|--|
| 1) Qual seu nível de estudo? |
| 2) Qual sua renda mensal? |
| 3) Qual é a área, em hectares, que você utiliza para produzir os alimentos para feira agroecológica? |
| 4) Há quanto tempo você participa da feira agroecológica? |
| 5) O que levou você a produzir alimentos de forma sustentável para ser vendido na feira agroecológica? |
| 6) Quais benefícios a feira traz a família? |
| 7) Você tem incentivo para permanecer na feira? De quem? |
| 8) Ocorre ajuda de algum órgão no processo produtivo? |
| 9) Ocorre pagamento de alguma taxa para prefeitura ou outro órgão? |
| 10) Quais dificuldades são encontradas para fazer parte da feira como comerciante? |

É um último questionário direcionado ao organizador (a) da feira pré-agroecológica de modo geral, sob a forma de entrevista aberta, sendo uma somatória de 8 (oito) no total. Observe a tabela a seguir.

Tabela 3. Questionário aplicado para o/a organizador (a) geral da feira pré-agroecológica na cidade de Alagoa Grande/PB.

| |
|---|
| 1) Como surgiu a ideia de se organizar uma feira com apenas produtos orgânicos e produzidos por agricultores da região? |
| 2) Qual o objetivo da criação da feira agroecológica? |
| 3) Há documentos que legalize a realização da feira? Quais? |
| 4) Quem pode comercializar dos alimentos nas feiras? |
| 5) Que produtos podem ser comercializados, além de alimentos? |
| 6) Quem são os organizadores? |
| 7) Quando surgiu a feira agroecológica? |
| 8) Os produtos são monitorados por algum órgão do estatal? Se sim, com frequência? A quem compete o acompanhamento? |

Os principais itens abordados nos questionários mencionados anteriormente foram de cunho social, econômico, e sobre os produtos comercializados na feira e quais perspectivas têm os feirantes e consumidores a respeito da permanência da feira que possibilite o registro como agroecológica. Assim, após o levantamento de dados recorreu-se a uma conjuntura de leituras, pesquisas e análise dos resultados para melhor fundamentação do referente trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Município de Alagoa Grande, Estado da Paraíba localizado na microrregião do brejo e na mesorregião do agreste paraibano, dispõe uma área de 320,563 km², representando 0.568% do Estado e 0.0038% de todo o território brasileiro (CPRM, 2005). De acordo com o censo realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) no ano 2010, sua população era de 28.479 habitantes, com uma superfície aproximada de 333,7 Km². Com todo aspecto físico, social e econômico, ficou visível às mudanças nesta região, desde o início de um novo modo de se comercializar alimentos nas feiras com base sustentável, ou seja, em suma produtividade natural propiciando assim, uma opção a mais para a população que frequentar as feiras.

A feira como proposta pré-agroecológica é realizada na cidade de Alagoa Grande na Paraíba, às sextas feiras na rua central, ao qual foi inaugurada no dia 29 de Julho em 2014, atualmente contando com a participação de 9 vendedores sem atravessador, com apoio técnico especializado da Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) á serviço do Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) na orientação do sistema produtivo realizado nos assentamentos vizinhos do município que abastecem a feira com a produção de alimentos para serem comercializados.

Na aplicação do questionário, observou-se que o perfil dos comerciantes, estes por sua vez, agricultores e próprios produtores dos alimentos comercializados na feira, ao qual se baseiam na estrutura socioeconômica, correlacionadas a 70% da participação das mulheres, restando 30% para a classe masculina, faixa etária entre 32 a 55 anos. E um índice de nível educacional retido entre o analfabetismo 60%, Fundamental Incompleto 30% e Ensino Médio Completo 10%. Sobressaindo em uma renda mensal

igualitária não ultrapassando um salário mínimo por família, cujas respectivas profissões são agricultores.

Por meio dos dados obtidos através da entrevista aos consumidores somam-se 50% que compram semanalmente na feira correlacionado a diversos motivos, dentre eles por obter produtos orgânicos, 90% compram devido sua qualidade, 95% por serem alimentos orgânicos, 20% devido seus preços e facilidade de acesso na feira. Com uma faixa etária entre 80% de adultos e 20% idosos.

O traçado perfil dos consumidores abrange o grau de formação remetente a 20% com o Fundamental Incompleto, 20% possuem o Médio Incompleto, 10% o Médio Completo e 50% o Ensino Superior. Entre os entrevistados 80% buscam produtos agroecológicos sem o uso de agrotóxicos e expõem uma situação econômica tida como boa. E com base neste perfil que se pode envolver uma análise remetente ao comerciante e a importância de sua atuação, visualizando a predominância da classe feminina em relação à quantidade, idade, nível de educação superior à classe masculina, com mesmo potencial profissional e renda mensal igualitária. Portanto, após estes dados foi inerente na feira à visualização por parte dos entrevistados na procura de muitos alimentos. Como ilustra o gráfico abaixo, representando os principais alimentos vendidos e produzidos pelos agricultores da região que participam desta atividade.

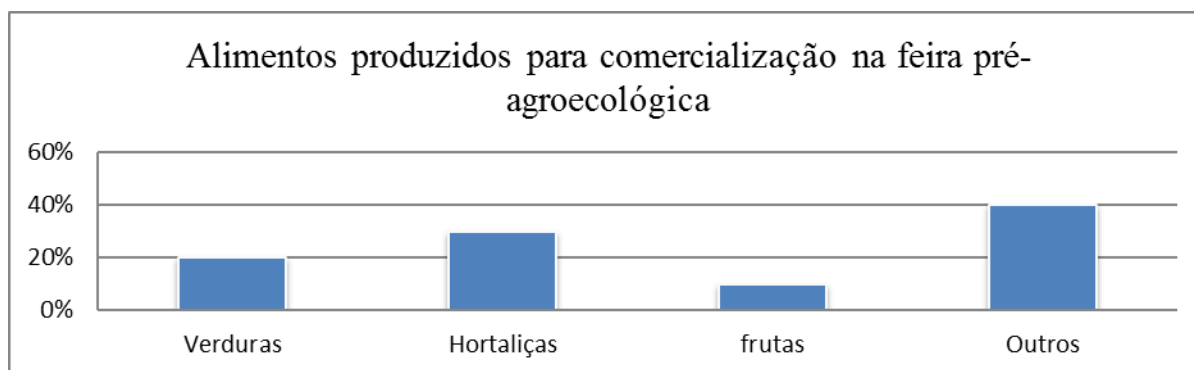


Figura 1. O gráfico mostra os principais alimentos consumidos e produzidos para a feira pré-agroecológica no Município de Alagoa Grande/PB.

À medida que se envolve em implantar uma feira com requintes sustentáveis nesta localidade, propiciara feitos sociais, econômicos, e, sobretudo rendas extras as famílias locais, além da qualidade dos produtos comercializados na feira e quais perspectivas e uma perspectiva alimentar mais saudável condizente a uma saúde diferenciada daquelas pessoas que consomem alimentos produzidos por meio de agrotóxicos. Assim, a produção alimentar a cada dia vem se ampliando e são expostos para comercialização na feira pré – agroecológica, ou seja, antes de se tornar agroecológica para confins da lei. Desta forma, abaixo segue uma imagem da pequena feira realizada na cidade de Alagoa Grande na Paraíba.



Figura 2. Feira pré-agroecológica realizada na cidade de Alagoa Grande – PB.

O modo produtivo influencia bastante no seguimento que se pretende chegar frente a um desenvolvimento sustentável, propício a produzir alimentos sem o uso de agentes químicos que prejudiquem o meio ambiente e que vincule danos á saúde da população em especial aos alagoa-grandense e especial às hortaliças com um percentual elevado de consumismo. Pensando nisso, o Instituto Penha e Margarida Alves (IPEMA) posta como Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) em conjunto com o INCRA, exerce a funcionalidade de assessorar e orientar os agricultores de assentamentos aos quais monitoram e promovem os devidos cuidados e práticas que devem realizar enquanto produtores. Como pode ser visto na figura abaixo.



Figura 3. Visita técnica de acompanhamento do funcionário da ATER.

Ocorre no decorrer de cada mês, visitas técnicas aos assentamentos em especial os que produzem alimentos para a comercialização na feira, ao qual o IPEMA monitora, com propósito de evidenciar as melhores práticas de cultivo e produção adequada para abranger alimentos de qualidade. Logo, após este acompanhamento evidencia-se um relatório constatando sua presença nos assentamentos e como está o andamento da produção naquela determinada área. E com isso, os alimentos são produzidos adequadamente graças às orientações de um apóio técnico com seu aporte científico,

transpassando para o agricultor e faz com que o agricultor desenvolva as técnicas de preparo do solo, plantio e colheita adequadamente.

CONCLUSÕES

O Brasil expõe um nível de utilização da agricultura orgânica muito baixa, por retratar em um custo mais elevado que a tradicional. Vale ressaltar o importante papel que exerce as políticas públicas para o desenvolvimento desta proposta, por viabilizar caminhos estruturais para realização da feira. Assim, a partir deste estudo, foi possível constatar na feira pré-agroecológica da cidade de Alagoa Grande - PB, a importância no envolvimento das famílias que fazem parte de sua estrutura, e ao meio ambiente, atribuinte a uma melhor preservação e estabelecida automaticamente do desenvolvimento local, exposto em um contexto socioeconômico.

Essa discussão nos evidencia uma feira com produtos preparados para consumo sem a utilização de agentes químicos, com o que automaticamente irá contribuir com a qualidade de vida e propor a sociedade um modo de vida mais ideal. Logo, torna-se possível gerar bons resultados para os alagoa-grandenses, com todos os atributos já relacionados anteriormente, como também para a família que trabalha na feira, proporcionando emprego, renda e seu posicionamento em relação ao comércio, além de preservar o solo, vegetação e outros elementos locais.

Por fim, estabelece no município de Alagoa Grande a implantação da feira agroecológica é ao mesmo tempo aprimorar uma ligação entre o meio econômico ao meio natural sem a promoção de quaisquer danos ao meio ambiente, possibilitando atribuir à necessidade social a uma visão, mas clara do quanto simboliza ter os devidos cuidados com o meio ambiente e a própria saúde humana, quanto a um desenvolvimento econômico extra a cidade e que ajudará bastante muitas famílias do município na geração de renda auxiliar para sua manutenção.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 7802, de 11 de julho de 1989**. Presidência da República Casa Civil: Subchefia para Assuntos Jurídicos. *In* Presidência da República Casa Civil: Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, DF, 11 jul. 1989. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 08 fev. 2016

BUAINAIN, A. M.; SOUZA FILHO, H. M. **Agricultura familiar, agroecologia e desenvolvimento sustentável**: questões para debate. Brasília: Editora IICA, 2006.

CMMAD - Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. **Nosso futuro comum**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1991.

COSTA, F. F. Tecnologia e meio ambiente: 3º Ciclo de Técnico em Mecânica. *In* **Tecnologia e meio ambiente: 3º Ciclo de Técnico em Mecânica**. 2000. Disponível em: <<http://www.etepiracicaba.org.br>>. Acesso em: 28 jan. 2016.

CPRM - Serviço Geológico do Brasil. **Projeto cadastro de fontes de abastecimento por águas subterrâneas: diagnóstico do município de Alagoa Grande, estado da Paraíba**. Recife: CPRM/PRODEEM, 2005. Disponível em: <<http://www.cprm.gov.br/rehi/atlas/paraiba/relatorios/ALAG003.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

FRANCISCO, P. R. M. **Difusão de Tecnologias Apropriadas para o Desenvolvimento Sustentável do Semiárido Brasileiro**. Campina Grande: Epgraf, 2013.

GOMES, R. N.; LIMA, L. K. S.; SOARES, J. P.; ARAÚJO, A. E. de. **Feira agroecológica: uma alternativa para comercialização de produtos oriundos da agricultura familiar na cidade de Solânea-PB**. 2010. Disponível em: <<http://submissoes.ufca.edu.br/agro2010/FILES/p100.pdf>>. Acesso em: 08 fev. 2016.

JALFIM, F.; RUFINO, E.; SANTIAGO, F.; VIDAL, M. S. C. Promovendo feiras agroecológicas no semiárido brasileiro: a experiência do Projeto Dom Helder Câmara. *In Promovendo feiras agroecológicas no semiárido brasileiro: a experiência do Projeto Dom Helder Câmara*. Agriculturas, Semiárido, v. 5, n. 2, p.23-25, jun. 2008. Disponível em: <<http://www.projetodomhelder.gov.br>>. Acesso em: 06 fev. 2016

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORETTI, S. A. L. Território da produção orgânica no mundo da mercadoria. *In Território da produção orgânica no mundo da mercadoria*. Dourados, Ms: Ufgd, 2014. 210 p. Disponível em: <<http://www.laboter.iesa.ufg.br>> Acesso em: 29 jan. 2016

ORMOND, J. G. P.; PAULA, S. R. L.; FAVERET FILHO, P.; ROCHA, L. T. M. Agricultura orgânica: quando o passado é futuro. *In Agricultura orgânica: quando o passado é futuro*. Rio de Janeiro: Bndes Setoria, 2002. Disponível em: <<http://www.web.bndes.gov.br>>. Acesso em: 05 fev. 2016.

PENTEADO, S. R. **Introdução à Agricultura Orgânica: normas e técnicas de cultivo**. Campinas: Editora Grafimagem, 2000.

RUFINO, L. L.; CASIMIRO, M. I. E. C.; DAMASCENO JÚNIOR, F. F.; MARTINS, W. L. Economia Camponesa Agroecológica: O caso da feira de Juazeiro do Norte-CE. **V SEMANA DO ECONOMISTA/V ENCONTRO DE EGRESSOS**. Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, Ilhéus – Bahia. 22 a 24 de setembro de 2015. Disponível em:<<http://www.uesc.br/eventos/vsemeconomista/anais/gt3-4.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2016.

SILVA, D. A. O perfil do consumidor da feira de transição agroecológica do bairro Valentina Figueiredo, na cidade de João Pessoa-PB. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 33, n. 1, p. 124-131, 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/9353/5481>>. Acesso em: 18 fev. 2016

SANTOS, V. S. A Importância das Feiras Agroecológicas para Pequenos Produtores da Região da Borborema na Paraíba. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 4, n. 2, p. 4516-4519, 2009. Disponível em: <<http://www.aba-agroecologia.org.br/revistas/index.php/rbagroecologia/article/viewFile/9104/6357>>. Acesso em: 20 fev. 2016

VERONA, L. A. F.; FACHINELLO, M.; BRUGNARA, E. C.; BURG, I. R. VII Congresso Brasileiro de Agroecologia – Fortaleza/CE – 12 a 16/12/2011 10793 - Feira agroecológica na cidade de Chapecó – SC. Disponível em: <<http://www.aba-agroecologia.org.br/revistas/index.php/cad/article/viewFile/10793/7330>>. Acesso em: 15 fev. 2016